

Roriz admite coligação

D - Coligação

POLÍTICA

sem os extremos

ELIANE OLIVEIRA

O governador Joaquim Roriz admitiu ontem uma ampla coligação em torno de seu nome, tendo em vista as próximas eleições marcadas para 3 de outubro. A aliança, segundo ele, seria formada por partidos de direita, contra e esquerda, "sem extremismos ou preconceitos ideológicos", como definiu.

Nos últimos dias, Roriz foi procurado por membros de quase todos os partidos da cidade, tendo como principais exceções o PT e o PDT. Na semana passada, receberam o presidente do PTB, também virtual candidato ao Palácio do Buriti, Valmir Campelo, que buscava um entendimento com o governador.

Joaquim Roriz já conversou sobre o assunto com pessoas filiadas ao PFL.

FOTOS: ARQUIVO



adas ao PDC, PFL, PL e chegou a ser sondado por uma facção do PSDB. Os nomes dos tucanos ele não quis revelar. "Não tenho dúvidas de que vamos fazer uma grande coligação", previu.

Outro partido em pauta, também presente às discussões, é o PCB. Para participar de uma aliança, no entanto, seus filiados exigem em troca a saída de alguns integrantes do PMDB — no qual Roriz pertence desde 1974, quando era MDB. Destacam-se, entre os "indesejáveis", Joselito Correia, o deputado Francisco Carneiro e o senador Meira Filho. Sobre isso, o governador preferiu não fazer comentários.

Admitindo uma coligação partidária, o governador do DF praticamente confirmou seu lançamento como candidato ao GDF no final deste ano.



Na coligação encabeçada por Roriz (E), Abadia pode ser vice

"Sopa de letrinhas" se define

As eleições no Distrito Federal têm tudo para se transformar numa verdadeira "salada de legendas". Pelo menos é neste sentido que os partidos políticos estão trabalhando, enquanto não chega o momento das convenções regionais, que apontarão os candidatos oficiais a governador, deputados federais, um senador e deputados distritais. Por enquanto, apenas o PT anunciou seu candidato ao Palácio do Buriti: Lauro Campos. Os outros partidos, embora já tenham nomes para concorrer ao GDF, preferem aguardar um pouco mais, mantendo contatos frequentes. No final, o resultado poderá ser "surpreendente", conforme prevê o secretário-executivo do PFL, Paulo Goyaz.

Segundo ele, o PFL, em princípio, vai lançar candidatos próprios em todos os níveis. Isto, no entanto, só se concretizará caso as negociações não sejam vitoriosas. Para o Palácio do Buriti, o nome de consenso é o do empresário e engenheiro Osório Adriano. Atualmente na Câmara dos Deputados, Jofran Frejat, juntamente com Paulo Xavier, é um dos escolhidos para disputar uma vaga no Senado Federal. Para deputados federais, o PFL pretende lançar Raul de Carvalho, além de Maria Alice Borges, da LBA, dentre outros. O próprio Paulo Goyaz, assim como o presidente do PFL em Taguatinga, Jean Agelo, deve concorrer à Assembleia Legislativa.

Decisão mesmo, no entanto, só na Convenção Regional, que poderá ser realizada até 25 de junho próximo. "No momento, estamos preocupados com a renovação dos diretórios zonais e regionais", disse Goyaz, destacando que a postura do PFL não é irreversível. Contatos têm sido mantidos com todos os partidos. Há apenas três restrições radicais. "Não queremos conversar com o PT, PSB e PC do B", fez questão de frisar Goyaz. A idéia é formar um "grande pacote", que poderá causar "algumas das maiores surpresas destas eleições", como promete.

FRENTES

Todo o otimismo de Goyaz esbarra, porém, na pretensão dos partidos de esquerda, que pensam na formação de uma grande frente democrática popular progressista, para eles indestrutível no DF. Animados com a perspectiva de uma vitória na capital, consideraram precipitado o anú-

cio do PT em torno do nome do professor Lauro Campos, segundo mais votado para o Senado em 1986, que só não se elegeu devido à sublegenda. Por precaução, todos têm nomes para a disputa. No PCB, por exemplo, o candidato é o presidente regional, Carlos Alberto Torres, que teria pleno apoio do PSB. Já o PDT tem como "candidatíssimo" o senador Maurício Corrêa. Os tucanos podem sair com a deputada Maria de Lourdes Abadia, bem cotada nas pesquisas. O interesse fundamental de todos, contudo, consiste na formação de uma coligação ampla e já no primeiro turno.

No polo oposto, o PDS conta com o senador paraense Jarbas Passarinho. Residente na cidade há vários anos e profundo conhecedor dos problemas, Passarinho, que chegou a ensaiar um vôo rumo aos tucanos, tem, inclusive, um estudo e um plano completos para a capital. Para oficializar a candidatura terá, de qualquer forma, que transferir seu domicílio eleitoral, ainda estabelecido em Belém. Para concorrer ao GDF, o PDC, por sua vez, concentra suas atenções em Carlos Magno Dias, do Ministério da Justiça, que poderá receber o apoio, segundo consta, do PL.

Disputando o mesmo candidato estão o PMDB e o PRN, ambos interessados em lançar o governador Joaquim Roriz na primeira eleição direta do DF. Com 69 por cento das intenções de votos, segundo pesquisa realizada mês passado pela MSC, Roriz realmente "enche os olhos" dos que não pretendem apenas arriscar uma candidatura. Por isso mesmo, aliás, segmentos de esquerda falam numa união imediata, certa de que só assim terá chances de derrotá-lo. Roriz, ainda filiado ao PMDB, já admite coligações. Caso não seja escolhido, o PRN tem como uma das opções a deputada Márcia Kubitschek.

Márcia, contudo, encontra-se aparentemente numa situação delicada no DF. Também de acordo com a pesquisa da MSC, a deputada — ex-PMDB e ex-PSDB — foi, por assim dizer, punida pelos entrevistados, pouco lembraram de seu nome. De qualquer forma, no PRN a decisão final quanto ao futuro candidato, não só do DF mas de todo o Brasil, ficará por conta do presidente eleito, Fernando Collor de Mello, que não quer disputa nas convenções. Seu objetivo é chegar com candidatos de consenso em todos os níveis.